

# ***A Mi Tuo Fo* – Práticas e Rituais do budismo chinês em Pernambuco e seus sentidos terapêuticos<sup>1</sup>**

**Marcos de Araújo Silva<sup>2</sup>**

**UFPE, Brasil**

**Bartolomeu Figueirôa de Medeiros<sup>3</sup>**

**UFPE, Brasil**

## **Resumo:**

Localizado na cidade de Olinda/PE, o Templo Budista Fo Guang Shan é o único da vertente zen humanista chinesa no Nordeste brasileiro. Além de realizar cerimônias regulares que contam com a participação de brasileiros prosélitos e chineses ultramar que já eram budistas antes de vir ao Brasil, esta instituição promove atividades como meditação, *Ioga*, *Kung fu* e *Tai-Chi-Chuan*. Baseado numa pesquisa etnográfica que teve início em maio de 2007, esta comunicação apresenta dados e reflexões sobre os sentidos terapêuticos atribuídos pelas pessoas que freqüentam tais cerimônias e que praticam certos preceitos budistas como orações, estudos e meditação em seus ambientes domésticos. Neste campo investigado, percebe-se que as particulares concepções de saúde e doença dialogam com dimensões mais amplas que envolvem aspectos socioeconômicos, geracionais e que são influenciadas por memórias compartilhadas de deslocamento e pelas relações interétnicas entre um grupo de imigrantes e seus descendentes e membros da sociedade local. Apesar das distintas motivações alegadas pelos indivíduos de ambos os grupos para suas entradas e/ou permanência no budismo, problematizamos a hipótese de que estas práticas e rituais, que se focam em fatores psicossomáticos e, em certo sentido, holísticos, permitem que ordens cosmológicas sejam compartilhadas e que ocorram processos de diluição nas fronteiras situadas entre um *ethos* religioso que seria diaspórico e um outro que seria nativo.

**Palavras-Chave:** Antropologia da Religião/Budismo Chinês; Patrimônio Étnico; Antropologia da Saúde.

## **INTRODUÇÃO**

Na Índia, na China, em todo o Oriente enfim; também na Grécia Antiga e no Império Romano - duas regiões que, mais que outras, forneceram os mitos de origem da medicina ocidental -, Religião e Saúde andaram juntas, numa união que permaneceria indissolúvel,

---

<sup>1</sup> Trabalho a ser apresentado na 26<sup>a</sup>. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

<sup>2</sup> Mestrando em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade (NEPE) e do Núcleo de Estudo das Religiões Populares – NERP/UFPE.

<sup>3</sup> Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade (NEPE) e do Núcleo de Estudo das Religiões Populares – NERP/UFPE.

achamos, não fosse o racionalismo, o cientificismo, o positivismo e o compartimentalismo das áreas do saber, frutos da chamada modernidade ocidental terem interrompido este casamento que se prenunciava profícuo, porque sempre fundamentado em argumentos religiosos, filosóficos e até estéticos, bem como em práticas xamânicas, curativas e curandeirísticas. Nelas, religião e magia andavam - como em muitos contextos andam também hoje - de mãos dadas. Até as grandes Religiões monoteístas que moldaram a ligação dos povos da Europa e Norte da África, na Antiguidade e, através destes países, com o Novo Mundo e o extremo Oriente, na época dos “descobrimentos”, cultivaram, a partir da inspiração dos seus Livros Sagrados, sistemas e práticas de curas através da fé.

No Judaísmo, são fartos os testemunhos de que a cura de doenças em geral era indicativo da presença divina na pessoa do rabino, juiz ou profeta curandeiro. A prática messiânica e missionária de Jesus, como está retratada nos Evangelhos, demonstra que este usava como argumento para que cressem ser ele o messias prometido, a afirmação do Profeta Isaías de que o Enviado curaria os cegos, abriria os ouvidos dos surdos, faria andar os coxos, limparia os leprosos e a Boa Nova seria anunciada aos pobres. A comunidade cristã começa a pregar a nova fé confirmando-a com “milagres”, solicitados “em nome do Senhor Jesus”. A maioria deles era constituída de curas de males físicos.

A Antropologia Cultural começa a tratar do fenômeno religioso nos povos “primitivos” e os da Europa pré-cristã, motivada pelo estranhamento provocado por ritos, orações e práticas corporais desempenhados por aquelas populações, as quais confirmavam - aos olhos evolucionistas e iluministas - não terem tido acesso “às luzes do século” que condenavam este entrelaçamento entre tratamento médico e ritual religioso, o envolvimento entre as “artes de curar” e os cultos aos deuses. Tal repúdio se estendia aos cristãos que testemunhavam curas obtidas por intercessão de santos, anjos, almas do Purgatório ou do próprio Cristo: comportamento tachado de ignorância ou superstição, muitas vezes. A Antropologia, então, assume a tarefa um tanto quanto “herética” - aos olhares da racionalidade iluminista e positivista -, de se debruçar sobre crenças, preces, ritos, tabus, práticas, considerados todos de um passado que não voltaria mais, de uma mentalidade em vias de extinção.

A Antropologia da Saúde, de formação mais recente, enveredou por dois caminhos: o da Antropologia Médica, estudando as contextualizações culturais do “ato médico”, a relação médico-paciente e outros temas, no campo da medicina alopática; o outro enfoque, busca estudar os significados de saúde, doença, percursos de cura e suas relações com a comunidade que os instituiu e os agenciou, como parte de sua bagagem sociocultural.

Acontece que este segmento da Antropologia da Saúde deparou-se com problemas idênticos aos detectados pela Antropologia da Religião, no estudo das sociedades de pequena escala e das populações pobres rurais e urbanas. Daí foi inevitável o encontro entre a segunda perspectiva da Antropologia da Saúde e a Antropologia da Religião. Deram-se as mãos, buscaram objetivos comuns, abriram frentes de pesquisa pelos caminhos da interdisciplinaridade... E hoje, o montante de estudos, trabalhos escritos, dissertações e teses mostram, no Brasil, a fecundidade desta aliança, na investigação do costume que permaneceu bem vivo, no país, apesar de toda estigmatização, repressão e até proibição, de unir fé e cura, devoção e busca ou aquisição do bem-estar físico e psíquico.

### **O Templo Budista Fo Guang Shan**

Quadragesimo oitavo Patriarca do budismo chinês da Escola Ch'an (Zen), o Mestre Hsing Yün nasceu na RPC (República Popular da China). Em 1949, devido às turbulências ocasionadas pela subida ao poder de Mao Tsé Tung, foi para a ilha de Taiwan, onde fundou a Ordem Budista *Fo Guang Shan* (Montanha da Luz de Buda), até hoje sediada neste território autônomo reivindicado pela RPC. Esta Ordem é representante do chamado budismo humanístico e mantém permanente diálogo com elementos da Terra Pura<sup>4</sup>; baseia-se na corrente Mahayana, que após o “nascimento” do Budismo na Índia no século V a. C., foi responsável pela propagação da doutrina e da prática budista na direção de países do Norte da Ásia: Tibete, China, Vietnã, Coréia e Japão. Difere da corrente Theravada, que seguiu pelos países do Sul da região: Sri-Lanka, Mianmar e Tailândia, entre outros (Pereira, 2006).

Hsing Yün empreendeu iniciativas para aproximar diferentes escolas budistas entre si e o budismo de outras religiões, num trabalho ecumênico de grande repercussão mundial (Yün, 2005). Em 1990, ele fundou em Taiwan a BLIA (Buddha's Light International Association), a comunidade de leigos da *Fo Guang Shan*, que desde 1992 está sediada nos Estados Unidos.

Segundo Rafael Shoji (2004), a atuação do budismo chinês no Brasil se intensificou a partir da década de 1980 e acompanhou a diáspora chinesa pelo mundo, fenômeno que elevou o número de imigrantes no Brasil e trouxe grupos com uma presença mais globalizada, como é o caso da *Fo Guang Shan* (FGS). Shoji defende que, devido ao caráter global da imigração

---

<sup>4</sup> As escolas Terra Pura estão entre as principais tradições do budismo *Mahayana* ou “Grande Veículo” e são as mais populares no Extremo Oriente. O foco de suas práticas é a devoção e a recitação de sutras. Na China, o budismo Terra Pura fundiu-se com a escola Ch'an, que prioriza a meditação.

chinesa e às conseqüentes reinterpretações e reposicionamentos da esfera religiosa em um contexto de diáspora, os templos budistas chineses devem ser divididos em dois grupos: os étnicos independentes, que seriam frutos de iniciativa local e mais centrados na comunidade imigrante, e os globalizados, que teriam padrões pré-definidos de ressignificação étnica e de divulgação do Budismo. O trabalho de Rafael Shoji e constantes referências produzidas pela mídia brasileira reforçam a idéia de que, dentre as organizações budistas chinesas que podem ser classificadas como globalizadas, a FGS é a que tem buscado e conseguido maior penetração e receptividade entre os brasileiros<sup>5</sup>.

Em 2002 foi inaugurada na cidade de Olinda/Pernambuco o Templo Budista *Fo Guang Shan* (TBFGS), a partir da iniciativa da fração budista da comunidade chinesa de Pernambuco, que financiou a sua construção. O número oficial de imigrantes chineses trabalhando ou estudando legalmente no estado de Pernambuco – 658 - diverge consideravelmente dos da presença informal deles; tanto que, ao falarem de sua comunidade nesse estado do Nordeste, estes imigrantes sempre se referem a mais de 2.000 pessoas e alegam que este número se encontra numa escala ascendente<sup>6</sup>. Um estudo preliminar (Silva, 2007) mostrou que o fato de trabalhar no comércio e na circulação de produtos *Made in China* no centro da cidade do Recife e na Feira do Paraguai em Caruaru<sup>7</sup> foi a razão apontada enquanto decisiva por parte significativa destes imigrantes que residem em Pernambuco para suas vindas ao Brasil.

Documentos, estatísticas e diversas notícias de jornais atestam três ondas imigratórias de chineses ao estado de Pernambuco: a primeira a partir de 1949 (fluxo anti-comunista); a segunda na década de 1970 (ligada a vínculos familiares com os que vieram na primeira leva e ao início da expansão a nível mundial das redes de comércio chinês) e uma terceira onda, que teve início nos anos 1990, continua até os dias atuais e está vinculada ao processo de consolidação das redes transnacionais de comércio chinês.

---

<sup>5</sup> Em 2003, Hsing Yün esteve no Brasil para inaugurar em Cotia/SP o Templo Zu Lai, o maior da América Latina, e em 2004 foi fundada nesta cidade a ULB-Zu Lai, primeira Universidade Budista da América do Sul.

<sup>6</sup> Este número de 658 se refere aos registros do controle de imigração da Polícia Federal em 05/09/2007. É importante ressaltar que este número oficial não inclui as pessoas que se naturalizaram, a maioria dos membros da segunda geração (que possui nacionalidade brasileira) e, obviamente, os que se encontram em situação irregular no país. Apesar de aproximadamente 70% destes imigrantes terem vindo de Taiwan, eles são incluídos na “diáspora chinesa” pelo fato da população deste território, assim como suas principais manifestações socioculturais, serem predominantemente chinesas; além disso, pelo fato de poucos (algo em torno de 5%) se definirem como taiwaneses, a maioria destes imigrantes pode ser classificada como chineses étnicos, já que se definem como chineses, mas menos de ¼ possui a nacionalidade chinesa oficial (fornecida pela RPC). Por esses fatores, entendemos a *Fo Guang Shan* como integrante do “budismo chinês”.

<sup>7</sup> Para uma explanação melhor sobre as feiras que integram a “Feira de Caruaru”, ver Medeiros, 2006.

Em 1994, a já citada fração da comunidade chinesa pernambucana adepta do budismo resolveu unificar suas práticas religiosas até então dispersas e/ou restritas ao ambiente doméstico de cada membro e fundou a BLIA-Recife, um capítulo regional da sede nacional da BLIA (localizada em São Paulo). Inicialmente, esta instituição promovia reuniões semanais na residência do Sr Julius King, 69 anos, um dos líderes da comunidade e primeiro presidente eleito da BLIA-Recife, cargo que ocupou até o ano de 2002. Nestas reuniões, uma média de 50 pessoas, maioria imigrantes da primeira geração, participava de atividades onde já interagiam integrantes da sociedade local: cerca de quinze brasileiras casadas com chineses e alguns filhos destes casamentos interétnicos, chineses “mestiços” que hoje são adolescentes ou pessoas adultas que de forma constante ou esporádica, integram e participam das atividades religiosas do TBFSGS<sup>8</sup>.

Passados alguns anos, este elemento interétnico presente nas reuniões da BLIA-Recife se perpetuou com a acolhida gradual de novos membros, brasileiros e chineses, e veio a consolidar-se com a fundação do TBFSGS. Por mais que interesses referentes à institucionalização da prática religiosa, ao fortalecimento da identidade étnica e religiosa destes imigrantes tivessem permeado a construção do Templo, as idéias de “legado religioso” para o estado e de difusão da doutrina para os brasileiros através de uma estrutura que favorecesse uma propagação mais ampla e sistemática do budismo, foram as razões defendidas como principais pelos idealizadores do TBFSGS para a sua fundação. Quando indagado sobre isto, o Sr Yang Lee, 73 anos, relatou: “*A gente fez isso aqui pros brasileiro, pra ficar pra eles. Um lugar onde se ensina preceito de Buda e de budismo é o melhor coisa que gente faz pra agradecer esta terra que nos acolheu (sic)*”.

A inauguração do TBFSGS ocasionou mudanças importantes em diversos sentidos: maior visibilidade (devido à atenção que a mídia local concedeu quando da fundação do Templo), disponibilidade no acesso aos rituais (devido à sua localização na beira-mar), etc., mas principalmente nos sentidos doutrinários e no que tange à receptividade aos brasileiros; de certo, nem todos os interessados nesta vertente do budismo, que não tivessem alguma ligação direta com o grupo étnico, poderiam freqüentar as reuniões da BLIA-Recife (ou se sentir à vontade para fazê-lo), visto que tais reuniões ocorriam num ambiente doméstico. Nas atividades da BLIA-Recife (1994-2002), eram feitas práticas de meditação, recitação dos

---

<sup>8</sup> A comunidade chinesa de Pernambuco costuma chamar de “puros” os chineses que, mesmo tendo nascido no Brasil, possuem pai e mãe chineses. Já chineses “mestiços” ou “misturados” são os que possuem o pai ou a mãe brasileira. É comum encontrar homens chineses casados com brasileiras em Pernambuco, o que revelaria uma possível abertura ou exogamia étnica, mas é importante considerar que este fenômeno está imbuído de questões (ou hierarquias) de gênero, já que são raros os casos de mulheres chinesas casadas com homens brasileiros.

“sutras” e estudo do “darma”<sup>9</sup> (conduzidas em chinês por budistas leigos) que em seu conjunto, não podiam formalmente ser chamadas de celebrações; pois, conforme relatado por líderes do TBFSG, esta denominação só se aplica se a condução for feita por algum monge, alguma pessoa que tenha aderido ao código tradicional de conduta para a *sangha* (comunidade budista).

Com a abertura do TBFSG e a chegada da monja Myao Yi, cerimônias budistas de tradição chinesa passaram a ocorrer formalmente no estado de Pernambuco e as reuniões da BLIA-Recife, que antes eram restritas a um público “étnico” específico e possuíam um caráter cerimonial, começaram a integrar gradualmente os brasileiros convertidos e a se focarem nas questões burocráticas, financeiras e de planejamento das atividades de assistência social. Nestas cerimônias conduzidas por Myao Yi, foram concedidas às atividades litúrgicas, como devoções aos antepassados e rituais de meditação e reverência aos Budas, e às atividades doutrinárias, de ensino/estudo do darma e de sutras, o status de elementos que poderiam e deveriam ser trabalhados enquanto unificadores da diversidade cultural entre chineses e brasileiros. Segundo uma jovem brasileira que participou destas cerimônias iniciais: “A Mestre deixou claro pra quem tava indo pela primeira vez ou não sabia nada de budismo que o darma é universal e ele pode despertar a budeidade<sup>10</sup> em qualquer pessoa”.

Outros interlocutores brasileiros também reforçaram esta idéia, acima exposta pela jovem, e disseram que acreditavam que a natureza humana é búdica e que as diferenças culturais, por mais que se apresentassem acentuadas, poderiam ser superadas através do estudo e da compreensão da doutrina budista, da forma como é propagada pela FGS.

Aliada a outros fatores, estas iniciativas, que tentavam diluir as fronteiras entre um ethos religioso visto como consolidado, tradicional e diaspórico (vivenciado pelos imigrantes chineses), e um outro que seria inicial, nativo e convertido, ou melhor, em processo de conversão (representado pelos brasileiros), fizeram com que, logo em seu primeiro ano de atividades, o TBFSG conseguisse não só atrair para suas cerimônias matinais de domingo um número expressivo de visitantes brasileiros, mas também fazer com que parte significativa destes continuassem visitando o Templo e estudando a doutrina budista ou até mesmo a cultura chinesa. Isto é, realizado seja através de atividades regulares como grupos de estudo e meditação ch’an, retiros de meditação, práticas de voluntariado, seja pelos cursos que

---

<sup>9</sup> No Budismo da FGS, sutras são escrituras canônicas tratadas como registros dos ensinamentos orais de Buda Gautama, o Buda histórico; e darma é o conjunto de ensinamentos que juntos, compõem a doutrina moral sobre os direitos e deveres de cada um; geralmente se refere a uma tarefa espiritual, mas também pode ser interpretado como ações virtuosas feitas tanto em vidas passadas como na vida atual.

<sup>10</sup> Entendida como a capacidade de ser Buda, de “iluminar-se”; capacidade que seria inerente a cada um de nós.

começaram a ser oferecidos: Ioga, Tai-Chi-Chuan, meditação ch'an, Kung-fu e língua chinesa (mandarim).

Assim, o cotidiano religioso do TBFGS passou a caracterizar-se, desde seu início, por uma composição socioeconômica, geracional e étnica diversificada que incluía crianças, idosos e, sobretudo jovens, criando um público heterogêneo que de certa forma confirmou a tendência defendida por alguns acadêmicos (Usarski, 2004; Shoji; 2002), da possível coexistência, nas organizações budistas ocidentais, entre um Budismo de Imigração e um Budismo de Conversão. Shoji comenta sobre esta divisão que

O Budismo dos imigrantes teria como principal característica a preservação de uma identidade étnica a partir de rituais e devoções específicos, geralmente associados à obtenção de atos meritórios. As principais características do Budismo dos convertidos seriam uma interpretação mais racionalizada do Budismo e uma estreita associação com a meditação. O perfil social característico dos convertidos seria o de um alto nível educacional, e de pertencentes às classes média e alta da sociedade.

(SHOJI: *op.cit.*, pp. 3-4)

Estes preceitos relativos ao que seria o “Budismo dos Convertidos”, colocados por Shoji, foram encontrados nas observações realizadas no Templo e principalmente, nas falas de diversos brasileiros, interlocutores de nossa pesquisa. De formas distintas, eles fizeram referências que associavam a doutrina budista ao conhecimento médico-científico e a meditação a uma prática terapêutica, entre outras. Estas falas transpareciam que um recorte instrucional e socioeconômico estava presente naquele crescente grupo de “nativos” convertidos (ou em processo de conversão).

Tanto este citado recorte quanto as idéias de “fragilização das fronteiras culturais” e “unificação das diversidades”, ficaram evidenciados nas duas Cerimônias de Refúgio na Jóia Tríplice e de Profissão dos Cinco Preceitos<sup>11</sup>, ocorridas no TBFGS: a primeira em 2003 e a segunda em 2006. Na primeira Cerimônia, participaram 43 pessoas: 31 imigrantes chineses e 12 brasileiros; todos que “se refugiaram” também fizeram a Profissão dos Preceitos, o que veio a se repetir na segunda cerimônia, de 2006. Na Primeira ocasião, os chineses eram em sua maioria comerciantes que alegaram razões diversas (distância dos Templos de São Paulo,

---

<sup>11</sup> A Cerimônia de Refúgio na Jóia Tríplice e de Profissão dos Cinco Preceitos significa o ingresso formal de novos adeptos no corpo de discípulos da FGS, mas especificamente no caminho do Iluminado – o Buda Shakyamuni. Ao fazer esta cerimônia, o participante recebe um nome de darma escolhido pelo monastério e passa a integrar a genealogia do Budismo Ch'an e Terra Pura do Monastério *Fo Guang Shan* e se compromete a não seguir ensinamentos de credos considerados ‘obscuros’. “Refugiar-se” significa aceitar publicamente o Buda como mestre, o darma como seus ensinamentos e a sanga como sua comunidade religiosa. A profissão dos Cinco Preceitos (não matar, não roubar, não mentir, não ter má conduta sexual e não se intoxicar com álcool ou drogas) está inserida dentro da mesma cerimônia e o participante pode optar ou não por fazer os votos de aceitação e segui-los em sua vida, segundo a FGS.

excesso de trabalho, etc) para até então não terem realizado tal cerimônia; já os brasileiros (sete homens e cinco mulheres) eram cinco estudantes universitários, quatro aposentados e três profissionais liberais. Na segunda cerimônia, o quadro se inverteu e 39 pessoas, todas brasileiras, realizaram a Profissão; 21 homens e 18 mulheres, em sua maioria estudantes universitários e profissionais autônomos. Agora vamos analisar o entrelaçamento de tais conversões e/ou permanências nesta prática budista com os itinerários terapêuticos particulares de chineses e brasileiros, procurando relacioná-los com as práticas e os rituais particulares desenvolvidos no TBFGS.

### **Aspectos Geracionais, Fronteiras Interétnicas e Motivações Religiosas/Terapêuticas**

Atualmente nas cerimônias do TBFGS, cerca de 40% dos participantes é composta por imigrantes chineses e seus descendentes. Se por um lado isso aponta que a maioria deste público é composta de brasileiros convertidos e/ou visitantes, por outro, verifica-se que o controle financeiro e organizacional deste Templo encontra-se com os chineses; tanto que a direção do TBFGS e a presidência da BLIA-Recife são cargos ocupados desde as suas fundações por estes imigrantes; muitos dos quais se naturalizaram brasileiros, mas continuam definindo-se como chineses.

As cerimônias dominicais do TBFGS são as atividades que conseguem atrair o maior número de participantes regulares no TBFGS, aproximadamente 60 pessoas; diferente das práticas de meditação ch'an e de estudo do darma nas tardes de sábado, cujo número de praticantes dificilmente ultrapassa os vinte. No cotidiano do Templo, budistas chineses, brasileiros convertidos e novos frequentadores<sup>12</sup> costumam se cumprimentar falando “*A Mi Tuo Fo*”<sup>13</sup> uns aos outros, gesto acompanhado de uma pequena reverência que denota o reconhecimento no outro de sua budeidade e que, aliado ao uso do *Fot-Zu*, espécie de pulseira budista, estabelece uma certa fronteira entre praticantes/conhecedores do budismo e demais “visitantes” do Templo.

Em consonância com suas bases na Terra Pura e na Escola Ch'an, o repertório litúrgico das cerimônias do TBFGS começa com a recitação dos sutras, conduzido de 2002 a 2006 pela monja Myao Yi e desde 2007 pela nova monja, Chüe Shi. Um folheto com os sutras, que variam constantemente, em *pinyin* (a transliteração ocidental dos ideogramas do mandarim) e português são disponibilizados para os brasileiros e sua versão chinesa para os

---

<sup>12</sup> Alguns destes alegaram que farão a próxima Cerimônia de Refúgio na Jóia Tríplice, ainda sem data definida.

<sup>13</sup> Em uma tradução literal do chinês, *A mi tuo fo* significa Buda Amitabha, o Buda da Vida e Luz Infinitas.



imigrantes e descendentes. Após a recitação, tem início o pedido de refúgio em algum Buda ou Bodhisattva<sup>14</sup>: seguindo duas filas indianas guiadas pela monja, uma de homens e outra de mulheres, os participantes rodam em círculos pelo salão central, entoando a frase de súplica.

Brasileiros e chineses descreveram esta atividade como momentos de comprometimento, fé e emoção. A cerimônia prossegue com cinco minutos para meditação seguidos da leitura da dedicação de méritos, das ofertas e encerra-se com uma explicação do sutra trabalhado, visando aproximá-lo da vida prática e do cotidiano dos ouvintes. Quando a presença de novos participantes é percebida, tal explicação costuma receber uma orientação mais ecumênica, que reforce um possível diálogo entre esta vertente budista e demais crenças, como o Cristianismo. Numa destas explicações mais ecumênicas, por exemplo, foi defendido que a diversidade religiosa deve ser vista não como fatores excludentes, mas que podem ser complementares na busca do que seria “um mundo melhor”; o que revela um interesse evidente de proselitização e abre a possibilidade para uma convivência religiosa múltipla, elemento presente em discursos e práticas de alguns adeptos “refugiados”. Com a citada explicação dos sutras, todos são convidados para participarem do almoço, um momento de confraternização que encerra a participação dominical da maioria dos membros (alguns, aproximadamente 15, pessoas costumam continuar até à tarde para meditações ch’an e estudos aprofundados do darma).

As pessoas que visitam as cerimônias do TBFGS são convidadas e até estimuladas a participar dos rituais, alguns exemplos disso: como as leituras dos sutras em chinês costumam deixar pessoas que nunca tiveram contato com esta língua “perdidas”, em dificuldade de acompanhamento, uma mulher chinesa fica sempre a postos para indicar a localização correta. Na cerimônia do dia de finados chinês de 2007 (que sempre ocorre no 1º domingo de abril), a todos os presentes (mais de vinte brasileiros que estavam lá pela primeira vez) foram oferecidos incensos para que consagassem e ofertassem aos antepassados. Quando, devido à presença de “estrepantes”, notava-se que a leitura dos sutras apresentava dificuldades, Chüe Shi solicitava a algum brasileiro que os lesse em português e esforçava-se para transmitir seus conteúdos de forma simples e objetiva. Estas práticas, conforme alguns destes estrepantes relataram, além de passar a idéia de que estes chineses budistas são bons anfitriões, estimulam uma possível vontade de retornar outras vezes.

Além desta cerimônia dominical, as principais atividades desenvolvidas pelo TBFGS são cerimônias de casamento (desde sua fundação ocorreram apenas dois: um envolvendo um

---

<sup>14</sup> Na doutrina da FGS, Bodhisattvas são seres de sabedoria elevada orientados a uma prática espiritual que visa a remover obstáculos e beneficiar todos os demais seres.

casal de imigrantes chineses e outro um casal de descendentes); as já citadas práticas de meditação ch'an e de estudos aprofundados do darma; retiros para meditação ch'an (em condomínios do interior de Pernambuco ou no Templo Zu Lai/SP e principalmente em feriados prolongados como carnaval e semana santa); palestras e exposições (ambas costumam acontecer sobre temas variados, mas normalmente enfocam elementos culturais chineses/taiwaneses e ou brasileiros/pernambucanos, visando que imigrantes e “nativos” conheçam melhor a cultura um do outro) e práticas voltadas para o bem estar social (freqüentemente doações de cadeiras de rodas para hospitais, visitas e doação de presentes a pessoas hospitalizadas, entre outras ações filantrópicas).

Estas últimas atividades, voltadas para a assistência social, costumam conceder certo *capital simbólico* (Bourdieu, 2005) a estes budistas, sobretudo os chineses (vistos pela sociedade local como responsáveis por essas práticas e reconhecidos e legitimados como tal pela mídia correspondente); não vamos nos aprofundar neste ponto, mas salientamos que esses chineses budistas conseguem converter, a partir de agenciamentos socioculturais precisos, estas práticas indicadoras de prestígio social em novas possibilidades de acesso a outros tipos de capital: social, cultural e/ou econômico.

O TBFGS oferece também cursos de meditação ch'an, Ioga, Tai-Chi-Chuan, Kung-fu e língua chinesa (mandarim). Em consonância com os objetivos deste artigo, nos focaremos nos quatro primeiros cursos, que possuem um público predominantemente brasileiro. Destes, o de meditação ch'an é o único constituído por adeptos (convertidos e ainda não convertidos) ou freqüentadores regulares das cerimônias budistas desenvolvidas pelo Templo, cerca de 20 pessoas. De 2003 até o 2007 este curso foi ministrado pela monja Myao Yi; desde o segundo semestre de 2007, ele é coordenado por uma equipe de três instrutores, todos brasileiros. No material de divulgação deste curso, elaborado pela antiga monja Yi, encontrava-se: *“Meditar é cultivar o desenvolvimento da mente para se alcançar a purificação e a correta compreensão. A prática da meditação ch'an não é algo que é expresso em palavras não contempladas por nossos corações e mentes. Ela é nossa ‘verdadeira mente’, que transcende a toda a existência do universo, mesmo nas coisas mais comuns. O estado da mente ch'an é muito alegre e vivaz. Tem como principal benefício a melhoria da saúde”*.

Dois instrutores brasileiros são responsáveis pelo curso de ioga, que possui vinte alunos (maioria crianças e adolescentes brasileiros) e duração indeterminada; alguns alunos estão tendo aulas há mais de três anos. Com o slogan *“Ioga - Faça antes que você precise”*, este curso é divulgado como uma filosofia de vida originada na Índia há mais de 5000 anos que une e integra o corpo, a mente e as emoções para que seu público seja capaz de agir de

acordo com seus pensamentos e suas emoções “verdadeiras”. Esta modalidade de yoga praticada no TBFSGS, *Swasthya*, é tida como a mais tradicional, e se divide em oito preceitos, que são normas éticas de ser e estar no mundo; tais preceitos envolvem as idéias de verdade (*yamas*), não-violência (*niyamas*), posturas (*asanas*), exercícios respiratórios (*pranayamas*), abstração dos sentidos (*pratihara*), concentração (*dharama*), meditação (*dhyana*) e iluminação (*samadhy*).

O curso de Kung-Fu do TBFSGS é instruído por um brasileiro e um imigrante chinês e combina seqüências de movimentos que integrados, compõem um espécie de ginástica marcial. Alguns alunos comentaram que com o “amadurecimento” das turmas e visando oferecer estilos que possam atender a demandas específicas, são incluídos treinamentos em armas chinesas, como bastão (*gun*), facão (*dao*), espadas (*jian*), lança (*qiang*) entre outras. Segundo instrutores e alunos, se bem desenvolvido, o kung-fu possibilita um equilíbrio corporal total, aumentando a saúde e a qualidade de vida, possibilitando também o controle do estresse, de angústias e ajudando na concentração. O limite máximo de alunos nestas turmas é de 20 pessoas.

Instruído pelos mesmos professores de Kung-fu, o curso de Tai-chi-chuan, estilo de arte marcial chinesa também reconhecida como uma forma de meditação em movimento reúne, desde 2003, turmas regulares de 15 alunos, alguns estão nesta prática desde o seu início. Sua propaganda, idealizada por seus instrutores, afirma que *“o Tai-chi-chuan se baseia na natureza e na observação dos animais, mas sua fonte de energia encontra-se totalmente em nosso interior. Apesar de suas raízes estarem na antiga China, o Tai-chi-chuan é muito indicado para os ocidentais. Para os que vivem no ritmo acelerado das cidades urbanas, é um fator de compensação em suas vidas. Relaxa a mente, assim como o corpo. Auxilia na digestão, acalma o sistema nervoso, é benéfico para o coração e a circulação sanguínea, tornam flexíveis articulações e rejuvenesce a pele.”* Diferentes aspectos pertinentes ao Tai-chi-chuan, como a auto defesa; o treinamento para a saúde; o equilíbrio dos aspectos físicos, emocionais, mentais e espirituais são abordados durante as aulas, segundo instrutores e alunos, o que as torna produtivas e correspondente às diversas expectativas do heterogêneo grupo de praticantes: adolescentes, adultos e pessoas com mais de 60 anos.

A maior parte dos alunos dos cursos de Ioga, Tai-Chi-chuan e Kung-fu, cerca de 60%, não são praticantes do budismo, mas pessoas que, devido a iniciativas próprias ou por indicações médicas, procuraram estas atividades visando, entre outras coisas, melhorias em sua saúde. É certo que estas atividades encontram associações em grupos que, seja através da medicina (procura pela acupuntura), pela alimentação (interesse pelo vegetarianismo) ou

alguma outra esfera, demonstram interesses em práticas comumente rotuladas como “alternativas”; mas verificamos, por meio de entrevistas com praticantes destas atividades, que mesmo tais associações, que podem ser fundadas em um desejo pelo “exótico”, estão muitas vezes ligadas a interesses ou buscas objetivas e vinculadas à saúde, tanto no que se refere ao interesse inicial por estas práticas, como, sobretudo no intuito de dar continuidade a elas. Vejamos:

	<b>Brasileiros que praticam Ioga, Tai-Chi-Chuan ou Kung-fu no TBFGS</b>		
	<b>Crianças</b> (6 a 12 anos)	<b>Adolescentes</b> (12 a 17 anos)	<b>Adultos</b> (acima dos 18 anos)
<b>Motivação para começar a frequentar alguma atividade (Ioga, Kung-fu ou Tai-Chi-Chuan)</b>	- Indicação médica: hiperatividade <sup>15</sup> , insônia ou stress. (5 pessoas). - Preencher tempo ocioso (4 pessoas).	- Interesse pela cultura chinesa ou por alguma atividade específica (12 pessoas). - Indicação médica: stress, insônia ou depressão (6 pessoas).	- Interesse pela cultura chinesa ou por alguma atividade específica (10 pessoas). - Indicação médica: insônia, hipertensão ou depressão (5 pessoas).
<b>Motivação para continuar frequentando alguma atividade.</b>	- Aprendeu a gostar da atividade (3 pessoas). - Melhoria dos problemas de saúde (2 pessoas).	- Aprendeu a gostar da atividade (9 pessoas). - Melhoria dos problemas de saúde. (5 pessoas). - Aperfeiçoamento espiritual (3 pessoas).	- Aprendeu a gostar da atividade (5 pessoas). - Melhoria dos problemas de saúde. (4 pessoas). - Aperfeiçoamento espiritual (2 pessoas).

Diante desses dados, vemos que, se dentre todas as faixas etárias de iniciantes, algumas delas fizeram referência à questão: “indicação médica”, o elemento “melhoria dos problemas de saúde” se fez presente também entre as respostas de todas as faixas que continuaram nos cursos como uma justificativa para essas permanências. Vale salientar que o segundo segmento é mais restrito que o primeiro, pois a segunda pergunta, sobre a motivação para continuar alguma atividade, foi dirigida apenas aos que eram praticantes há mais de seis meses (já que são comuns desistências durante os primeiros meses de aula): total de 33; enquanto que a primeira, sobre a motivação para começar algum curso, incluiu tanto os iniciantes, quanto os que permaneceram nas atividades: 42 pessoas. É sugestivo que dois adultos e três adolescentes tenham alegado “aperfeiçoamento espiritual” enquanto uma das

<sup>15</sup> O TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade) é um transtorno neurobiológico reconhecido pela Organização Mundial da Saúde, comum em aproximadamente 3 a 5% das crianças em idade escolar e que tem como características básicas a desatenção, a agitação (hiperatividade) e a impulsividade, podendo levar a dificuldades emocionais, de relacionamento, bem como a baixo desempenho escolar.

motivações para a permanência, o que seria indicativo de alterações ou ao menos ampliações das idéias de espiritualidade e saúde dentro de suas próprias ordens cosmológicas; entretanto, como frisamos, a maioria do público destas atividades não possui vínculos diretos com a religião budista, e por isso, seus itinerários terapêuticos, por mais que alterados por atividades (ou cosmovisões) ligadas ao Templo, apresentam um caráter fortemente secularizado.

Deste modo, é importante verificar de que formas distintas esta procura pela saúde encontra-se mais arraigada ao contexto religioso do TBFGS, especificamente. Para isso, realizamos entrevistas abertas e semi-estruturadas com 37 brasileiros e com 32 chineses e descendentes, de ambos os sexos, que freqüentam regularmente (ao menos duas vezes por mês) as cerimônias do domingo ou as práticas de meditação e estudo do darma, nos sábados à tarde, visando entender melhor a motivação tanto dos brasileiros quanto dos imigrantes chineses para suas respectivas conversões e/ou permanências no Budismo desenvolvido pelo TBFGS para, posteriormente, articulá-las com as perspectivas particulares deste segmento em relação às idéias de saúde.

No grupo dos brasileiros, a maioria eram pessoas na faixa etária dos 16 aos 30 anos (20 pessoas: estudantes e profissionais liberais), outra parcela era formada de pessoas entre 31 e 59 anos (sete pessoas: autônomos) e o restante, dez pessoas, tinha acima dos 60 anos de idade (autônomos, aposentados/as). Os dados coletados com este grupo foram os seguintes:

	<b>Brasileiros</b>		
	<b>16 a 30 anos</b>	<b>31 a 59 anos</b>	<b>Mais de 60 anos</b>
<b>Motivação para começar a freqüentar as cerimônias dominicais do Templo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Interesse genérico pelas culturas ou pelas religiões orientais (7 pessoas).</li> <li>- Interesse específico pelo Budismo e/ou pela sua vertente chinesa (5 pessoas).</li> <li>- Curiosidade (4 pessoas).</li> <li>- Contato anterior com outras vertentes budistas, como a tibetana (4 pessoas).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Interesse genérico pelas culturas ou pelas religiões orientais (2 pessoas).</li> <li>- Interesse específico pelo Budismo e/ou pela sua vertente chinesa (2 pessoas).</li> <li>- Contato anterior com outras vertentes budistas, como a tibetana (3 pessoas).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Interesse genérico pelas culturas ou pelas religiões orientais (3 pessoas).</li> <li>- Interesse específico pelo Budismo e/ou pela sua vertente chinesa (2 pessoas).</li> <li>- Curiosidade (2 pessoas).</li> <li>- Contato anterior com outras vertentes budistas, como a tibetana (3 pessoas).</li> </ul>
<b>Motivação para continuar freqüentando as cerimônias</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização religiosa pelo budismo (10 pessoas).</li> <li>- Melhoria da saúde. (7 pessoas).</li> <li>- Aperfeiçoamento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização religiosa pelo budismo (2 pessoas).</li> <li>- Melhoria da saúde. (3 pessoas).</li> <li>- Aperfeiçoamento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização religiosa pelo budismo (3 pessoas).</li> <li>- Melhoria da saúde. (3 pessoas).</li> <li>- Aperfeiçoamento</li> </ul>

	espiritual encontrado no budismo (1 pessoas). - Espírito acolhedor dos chineses (2 pessoas).	espiritual encontrado no budismo (1 pessoas). - Retribuir graças alcançadas com o budismo (1 pessoas).	espiritual encontrado no budismo (2 pessoas). - Retribuir graças alcançadas com o budismo (2 pessoas).
<b>Motivação para realizar a cerimônia de Refúgio na Jóia Tríplice</b>	- Estabelecer um compromisso com o Budismo (11 pessoas). - Retribuir graças alcançadas com o budismo (9 pessoas).	- Estabelecer um compromisso com o Budismo (4 pessoas). - Retribuir graças alcançadas com o budismo (3 pessoas).	- Estabelecer um compromisso com o Budismo (4 pessoas). - Retribuir graças alcançadas com o budismo (6 pessoas).

No grupo dos imigrantes chineses e seus descendentes, o quadro foi diferente: a maioria eram pessoas na faixa dos 31-59 anos (16 pessoas: comerciantes e profissionais liberais), depois vinham as que tinham mais de 60 anos (10 pessoas: comerciantes aposentados e donas de casa), e, refletindo a participação restrita dos membros da segunda e terceira geração destes imigrantes nos cultos, entrevistei apenas 6 pessoas com idade entre 16-30 anos (estudantes e comerciantes)<sup>16</sup>. Neste grupo, as respostas foram:

	<b>Chineses e seus descendentes</b>		
	<b>16 a 30 anos</b>	<b>31 a 59 anos</b>	<b>Mais de 60 anos</b>
<b>Motivação para começar a freqüentar o Templo</b>	- Fortalecer o vínculo religioso (3 pessoas). - Manter a tradição religiosa (3 pessoas).	- Fortalecer o vínculo religioso (7 pessoas). - Manter a tradição religiosa (9 pessoas).	- Fortalecer o vínculo religioso (4 pessoas). - Manter a tradição religiosa (6 pessoas).
<b>Motivação para continuar freqüentando</b>	- Fortalecer o vínculo religioso (3 pessoas). - Manter a tradição religiosa (3 pessoas).	- Fortalecer o vínculo religioso (7 pessoas). - Manter a tradição religiosa (9 pessoas).	- Fortalecer o vínculo religioso (4 pessoas). - Manter a tradição religiosa (6 pessoas).
<b>Motivação para realizar o Refúgio na Jóia Tríplice</b>	- Fortalecer o vínculo religioso (2 pessoas). - Manter a tradição religiosa (2 pessoas). - Retribuir graças	- Fortalecer o vínculo religioso (4 pessoas). - Manter a tradição religiosa (6 pessoas). - Retribuir graças	- Fortalecer o vínculo religioso (2 pessoas). - Manter a tradição religiosa (4 pessoas). - Retribuir graças

<sup>16</sup> Este trabalho apresenta dados etnográficos referentes à pesquisas etnográficas no TBFGS no período de Junho de 2007 a Abril de 2008, estes seis chineses entrevistados eram os integrantes da comunidade nesta faixa etária que participavam regularmente (ao menos uma vez por mês) de celebrações ou prática de meditação ch'an e estudo do darma durante este período da pesquisa. Entretanto, é importante destacar que tanto na cerimônia do TBFGS destinada à comemoração do Ano Novo Chinês, ocorrida em 10/02/2008, quanto na cerimônia do dia de finados chinês, realizada no dia 06/04/2008, estiveram presentes mais de 50 chineses desta faixa etária (16-30 anos); pessoas que estiveram no Templo apenas nestas ocasiões específicas. Quando questionados sobre este fato, três chineses com mais de 60 anos disseram que a maior parte destas pessoas jovens precisa trabalhar muito e com isso, não podem freqüentar assiduamente o Templo e praticam suas religiosidades mais no ambiente doméstico; quando perguntados sobre os que mesmo não trabalhando muito, visitam o Templo apenas nestas ocasiões, os três interlocutores classificaram estes últimos como pessoas que "só querem saber de festa".

	alcançadas com o budismo (2 pessoas).	alcançadas com o budismo (6 pessoas).	alcançadas com o budismo (4 pessoas).
--	---------------------------------------	---------------------------------------	---------------------------------------

Nestes dados, percebemos que no grupo dos brasileiros, interesses particulares ou genéricos, curiosidade e contatos anteriores com diferentes vertentes budistas foram razões apontadas pelos grupos das três faixas etárias pesquisadas como motivos para começarem a freqüentar o TBFGS; já nas razões para permanecerem no cotidiano do Templo, são feitas referências a fatores que denotam certa subjetividade ancorada em dimensões pragmáticas e discursivas: dialogando “realização religiosa” e “aperfeiçoamento espiritual” com “melhoria da saúde” e “retribuição à graças alcançadas”, esta subjetividade caracteriza os itinerários religiosos e terapêuticos dos convertidos brasileiros enquanto entrecruzados com um ethos religioso diaspórico (dos chineses) e com conseqüentes agenciamentos das fronteiras interétnicas que ele implica e que parecem re-semantizar, ou ao menos, redimensionar as concepções particulares e “nativas” (dos brasileiros) relativas à saúde, à doença e à realização religiosa.

Para os chineses e seus descendentes, justificativas de “fortalecer o vínculo religioso” e “manter a tradição”, foram razões alegadas tanto para começar a freqüentar o Templo, quanto para continuar, o que evidencia um componente étnico ligado às suas condições enquanto grupo minoritário num país estrangeiro e também às suas memórias compartilhadas de deslocamento, que podem fazer convergir e reforçar identificações étnicas através desta esfera religiosa específica. Além disso, a idéia de sofrimento está implícita na concepção que estes budistas chineses (sobretudo os mais velhos) têm de tradição religiosa e resiliência; conforme três desses imigrantes informaram. Segundo eles, o sofrimento se associa à tradição religiosa budista devido às perseguições promovidas pela Revolução Cultural e sofridas por eles próprios e por outros budistas na RPC; e o sofrimento, conforme relataram está presente na idéia de resiliência (entendida como poder de recuperação) por ser visto como um ciclo capaz de indicar caminhos para superar “provações”, como as dificuldades impostas pela dispersão (seja para Taiwan, ou demais países/territórios que acolheram emigrados da RPC após 1949) e as conseqüentes dificuldades econômicas e conflitos socioculturais que o contato intercultural pode ocasionar<sup>17</sup>.

Se por um lado, as motivações para começar a freqüentar e permanecer no Templo variam entre brasileiros e imigrantes chineses, por outro, nas razões apontadas para realizar a

---

<sup>17</sup> Estes interlocutores também acrescentaram que para eles o sofrimento é uma passagem, uma fase necessária e até mesmo importante na vida de cada um; pois dependendo da forma como lidamos com ele, determinamos nossas condições futuras.

cerimônia de refúgio na jóia tríplice, que corresponde a uma conversão, o elemento “retribuir graças alcançadas com o budismo” aparece nos dois grupos e nele está embutido, conforme relataram brasileiros e chineses, resolução de sofrimentos e/ou problemas de toda espécie: doenças físicas e mentais, problemas financeiros, relativos à legislação imigratória e familiares, entre outros. O que representa a existência de pontos de intersecção que fragilizam noções de fronteiras rigidamente antagônicas e excludentes entre os dois ethos religiosos: o de ‘nativos’ e o de imigrantes.

Certamente, alguns depoimentos de brasileiros e chineses sobre as práticas e rituais budistas de que participam e seus possíveis sentidos terapêuticos possam explicitar melhor nossos argumentos:

*“Fazer minhas orações diárias ajoelhado de frente pro budinha que eu tenho lá na sala de casa me conforta, me faz ficar com pensamento positivo o resto do dia; mesmo se eu tiver problema, quando for deitar não vou precisar tomar remédio. [...] Antes eu tomava diênax [anti-depressivo] todo santo dia, hoje eu vejo ele quiném uma droga; a meditação, ela é mais que um calmante, ela calenta os nervos, o coração, a alma, tudo.”* (D. Suely, 59 anos).

*“A cosmologia do budismo é muito rica, eu tenho pra mim que minha vida melhorou em tudo depois que eu entrei pra cá, principalmente nos problemas de saúde que eu tinha: pressão alta, diabete, era tanta coisa.”* (Plácido, 32 anos).

*“Cê deve tá vendo, né? A gente aqui vê o trabalho com o corpo, com a mente, com relacionamento com outros, com tudo de forma integrada; eu tinha uma visão muito limitada de saúde e de doença.”* (Denise, 18 anos).

*“Budismo é saúde. Ele foi criado pra acabar com todo tipo de sofrimento”* (Lin Kyo, 73 anos).

*“Muita coisa que eu aprendi aqui eu levei pra vida, mudou minha rotina em casa, a forma como eu vejo o mundo. Eu me encontrei aqui e isso foi bom pra tudo, principalmente pra minha saúde.”* (Manuel, 23 anos).

*“A gente tem tendência pra compartimentalizar tudo: isso é religião, isso é pra saúde, aqui eu entendi que tá tudo interligado. Eu era católico, mas a doutrina cristã tá muito presa em coisas que não tem mais sentido, a ciência sempre teve problema com eles [católicos] e isso tá aí até hoje.”* (Dantas, 61 anos).



*“O Budismo é holístico. Freud, Capra, Prigogine<sup>18</sup> todos eles aprenderam muito depois que conheceram o Budismo. Pra mim o darma trabalha como um medicamento”.* (Liu, 22 anos).

Estes depoimentos revelam pontos como o recorte de um aspecto instrucional, a idéia de uma “totalidade” que permearia a realidade humana (noção budista, por excelência), mas principalmente, a interação mútua de crenças, representadas por esforços e tentativas de compreensão e legitimidade em um ambiente onde referenciais culturais e memórias sociais encontram-se na arena central de disputa. Para Shoji (2002), na avaliação acerca das conversões de brasileiros ao budismo, é fundamental considerar as histórias particulares de cada membro/grupo em relação ao campo religioso mais amplo e historicamente estruturado no país. Para ele, um Budismo de resultados tem nos últimos anos, evoluído e se popularizado a partir de funções e conceitos já existentes em religiões brasileiras. Shoji salienta que existem crenças fortemente enraizadas nos brasileiros, crenças estas que permitem que certos conceitos budistas sejam melhor aceitos, devido a analogia com idéias já estabelecidas a partir da influência das religiões brasileiras. Este autor defende que o diálogo intercultural religioso *“permite uma aceitação e uma resignificação de conceitos como carma, recitação de sutras e culto aos antepassados. Esses conceitos encontram aceitação entre os brasileiros, quando eles se associam a resultados concretos ou justificção para problemas existentes”*. É devido a este e outros fatores que acreditamos que as novas concepções de saúde e doença pós-conversão e/ou contato intercultural religioso, dialogam com dimensões mais amplas que envolvem aspectos socioeconômicos, geracionais e que são influenciadas por memórias compartilhadas de deslocamento e pelas relações interétnicas entre um grupo de imigrantes e seus descendentes e membros da sociedade local.

## **Considerações Finais**

Nos sutras utilizados e divulgados pela FGS, encontram-se diversas metáforas que comparam o Buda a um médico, os Bodhisattvas a seus colaboradores, o conhecimento do Darma a um medicamento, os monges a um corpo de enfermeiros e pessoas com algum tipo

---

<sup>18</sup> Referência a Sigmund Freud, fundador da Psicanálise; Fritjof Capra, físico austríaco autor do livro “O Tao da Física”, onde traça um paralelo entre a física moderna e as filosofias e pensamentos orientais tradicionais, como o Taoísmo, o Budismo e o Hinduísmo; e ao químico russo Ilya Prigogine, ganhador do Prêmio Nobel de Química de 1977 pelos seus estudos em termodinâmica de processos irreversíveis, com a formulação da teoria das estruturas dissipativas.

de problema, a pacientes. Dentro desse contexto, o budismo é entendido como um sistema medicinal, capaz de curar moléstias em diversos aspectos da vida.

Para o budismo, a saúde da mente influencia a do corpo e vice-versa. De acordo com Hsing Yün (*ibid*), apenas recentemente é que a religião, no Ocidente, passou a influenciar a medicina biológica, estreitando o abismo existente entre a abordagem da doença sob as perspectivas científica e religiosa. Yün alerta para o fato de que no oriente, há milhares de anos a religião está integrada às áreas da saúde e da medicina e quando levados para a China, notáveis elementos do budismo indiano combinaram-se com os aspectos mais importantes da medicina chinesa, formando o que hoje é entendido como o sistema médico do budismo chinês.

Para Michel Serres (1999), a corporeidade constitui um sistema aberto de posturas, criatividade e posições a ser definitivamente incorporado na leitura que se faz do ser humano e que ele próprio faz acerca de si. Nos ensinamentos sobre o darma e sutras divulgados pelo TBFGS, através de materiais impressos e das explicações cerimoniais, as práticas doutrinárias e ritualísticas são imbuídas de um caráter terapêutico; tomando como exemplo o livreto de Yün (*ibid*), muito utilizado pela monja e pelos seguidores do TBFGS, encontramos funções medicinais atribuídas a diversas práticas religiosas e integrantes do cotidiano dos convertidos, vejamos algumas destas:

- Meditação: “[...] O constante fluxo de pensamentos que vivenciamos pode afetar nossa capacidade de concentração e prejudicar a vida diária. [...] O cérebro pode deixar de funcionar adequadamente como resultado do excesso de pensamentos ou devido à excitação mental intensa. [...] O bem-estar psicológico e fisiológico pode ser dramaticamente aumentado pela prática meditativa da respiração lenta e da concentração na respiração.” (pp. 36-37).
- Reverência ao Buda: “[...] Prostrar-se diante do Buda aumenta a força e a flexibilidade físicas. Quando nos curvamos, alongamos pescoço, mãos, braços, abdômen e pernas, dando a todo o corpo uma oportunidade de se exercitar. O alongamento diminui a rigidez e aumenta a circulação sanguínea, diminuindo assim a chance de enfermidades. Embora a reverência gere benéficos físicos específicos, seus efeitos mais significativos se fazem sentir em nosso estado mental.

- Recitação do nome de Buda: “[...] A recitação do nome do Buda faz cessar o suplício causado por pensamentos impróprios e ilusórios e dissipa a angústia mental. [...] Essa prática também ajuda a diminuir o mau carma [...]”.

Este aspecto instrucional e assume nova dimensão quando consideramos que existe proselitização entre os próprios chineses; muitos são budistas por “tradição”, como dizem, mas alguns deles, por razões diversas, apenas no TBFGS é que estão tendo acesso ao aspecto mais didático da doutrina religiosa e de seu estudo, antes restrita à pura e simples prática doméstica. Apesar do budismo ser tradicional e fazer parte da memória social destes imigrantes, alguns se converteram ao budismo na TBFGS não só por questões de sociabilidade ou de religiosidade; observações demonstram que existe um fortalecimento étnico e econômico através da participação nas atividades budistas. Os dirigentes do TBFGS e os líderes que integram o conselho da BLIA-Recife são respeitados pelos chineses não-budistas por também serem representantes da comunidade e terem voz decisiva nas suas articulações políticas, como por exemplo, a construção em Recife do Centro Cultural e Educacional Brasil-China, no ano de 2006.

A conversão dos brasileiros parece ser percebida pelos chineses como uma atividade que fortalece a comunidade e sua identidade étnica. Para concluir, apontamos a existência, neste campo investigado, das relações cultura/natureza (clássica a todos os antropólogos), cultura/nacionalismo, cultura/religião, cultura/saúde, cultura/relações interétnicas, presentes nos discursos da monja, dos seus intérpretes, dos dirigentes e dos frequentadores mais assíduos das cerimônias. Segundo a forma como a monja Chüe Shi interpreta os ensinamentos budistas e tenta os tornar cognoscíveis aos fiéis e frequentadores chineses e brasileiros, todo ser humano possui uma “budeidade”, e o despertar e aperfeiçoamento desta característica fazem com que diferenças culturais entre nativos e *estrangeiros* se tornem subjacentes e cedam lugar à idéia de uma comunhão com a “totalidade”, fator que sedimenta e fortalece a *sanga*, comunidade budista. Neste artigo, não foi possível descrever e refletir em profundidade todas as imbricações entre os aspectos religiosos e terapêuticos inerentes a este contexto investigado (até por que a pesquisa etnográfica sobre ele encontra-se em andamento), por isso, esperamos que o aprofundamento investigativo revele, entre outras coisas, novas possibilidades reflexivas e comparativas para a investigação antropológica sobre novos percursos da saúde no Brasil a partir de seus diálogos contemporâneos com as noções de religiosidade.

## Referências Bibliográficas

PEREIRA, Ronan Alves. 2006 O Budismo japonês: sua história, modernização e transnacionalização. In: *Ponto de Encontro de Ex-Fellow* (Revista Eletrônica)/Fundação Japão. São Paulo: Edição n. 1, São Paulo, 28p.

SERRES, Michel. 1999. *Variações sobre o corpo*. São Paulo: Bertrand Brasil.

SHOJI, Rafael. 2004. A Reinterpretação do Budismo Chinês e Coreano no Brasil. *Rever*. São Paulo: v. 3, n. 4, p. 74-87.

\_\_\_\_\_. 2002. Uma Perspectiva Analítica para os convertidos ao Budismo Japonês no Brasil. *Rever*. São Paulo: v. 2, n. 2, pp. 85-111.

USARSKI, Frank. O dharma verde-amarelo mal-sucedido - um esboço da acanhada situação do Budismo. *Estudos Avançados*. São Paulo: vol.18 n.52 Dec. 2004

YÜN, V. M. Hsing. 2005. *Budismo, Medicina e Saúde*. Cotia/SP: Templo Zu Lai.